

Fotógrafos de rua de Goiânia: do lambe-lambe à fotografia digital¹

Ana Rita VIDICA²

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

Proponho refletir sobre as fotografias feitas nas ruas de Goiânia percebendo-as como imagens que participam de um circuito de pensamento (SAMAIN, 2012). Parte-se de uma contextualização histórica da fotografia lambe-lambe ou fotografia ambulante ou fotografia de jardim e das pesquisas realizadas no âmbito brasileiro, a fim de perceber que ainda há uma pequena atenção aos fotógrafos e os nomes que fizeram sua história. Na sequência, adentra-se o circuito de pensamento, que se liga à percepção do processo combinatório que deve a sua existência, como estas fotografias se moldam, se constroem, emergem e vivem enquanto imagem, seguindo-se os rastros de cinco fotógrafos que atuaram e atuam na cidade de Goiânia.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia de rua; lambe-lambe; cinco fotógrafos; Goiânia-GO; século XX.

1 Introdução

Andando pelas ruas do centro de Goiânia nos deparamos com bancas de formato retangular de cores azuis e amarelas ou só amarelas, verdes e brancas. No seu interior há câmeras fotográficas, impressoras, espelhos, paletós, pentes, tesouras, um tecido branco estendido no fundo, um cesto de lixo, dentre outros objetos. E, ao seu lado, os profissionais, responsáveis pelo uso das câmeras e seus acessórios, que dão vida a estes espaços, transformando as ruas em um local de trabalho e não apenas de passagem. Mas, parada para se sentar, momentaneamente, e ter seu rosto registrado nos retratos de documento, 3x4cm, 2x2cm ou 5x7cm, produzidos por eles.

Esses fotógrafos são conhecidos como os fotógrafos lambe-lambe ou ambulantes ou fotógrafos de jardim. A origem destes fotógrafos remonta ao século XIX, na Europa, por volta de 1853, após a descoberta do ferrótipo ou chapa seca, que possibilitou, naquele momento, a instantaneidade da fotografia. A ferrotipia diminuiu os custos e facilitou o manuseio do procedimento fotográfico, em comparação com a daguerreotipia e o colódio

¹ Trabalho apresentado no GP Fotografia, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Docente do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás (UFG), e-mail: ana_rita_vidica@ufg.br

úmido. Kossoy (1980, p. 39) afirma que era utilizado “basicamente pelos fotógrafos ambulantes”.

Inicialmente, eles atuavam em feiras e festas populares, uma vez que havia grande circulação de pessoas. Eles eram, de fato itinerantes, perambulando por diversos locais. Posteriormente, passaram a se fixar em pontos específicos das cidades, mas mantendo a urbe como local de trabalho.

No Brasil, o desenvolvimento da fotografia ambulante se associou ao processo de expansão do fotográfico no país. Os primeiros fotógrafos ambulantes eram imigrantes que chegaram no final do século XIX trazendo suas câmeras de origem europeia, possibilitando que os serviços fotográficos fossem oferecidos às classes menos favorecidas que não podiam pagar os altos preços dos sofisticados estúdios, frequentados, em sua maioria, “pela tradicional aristocracia rural e pela nova burguesia industrial que surgia e se fortalecia no contexto histórico que caracterizava o início do século XX” (ÁGUEDA, 2008, p. 74).

No século XX, a partir dos anos 1930, na Era Vargas, com a migração interna suscitada pelas políticas nacionalistas aliadas às reformas sociais e trabalhistas, as pessoas passaram a vir de outras regiões, especialmente, do nordeste e se instalaram em São Paulo, Rio de Janeiro e outros centros a procura de trabalho e novas oportunidades. Alguns destes migrantes se tornaram fotógrafos ambulantes, substituindo, gradativamente àqueles originários de outros países. Essa substituição se deu, também, pelos aprendizes da fotografia em ambiente familiar, uma vez que algum parente aprendia o ofício e depois passava adiante.

Ao mesmo tempo, estes fotógrafos passam a atuar em diversos lugares do Brasil, adentrando outros estados, chegando também na região centro-oeste. Pelos relatos de alguns dos fotógrafos atuantes desde os primórdios, a fotografia lambe-lambe tem início em Goiânia, no final dos anos 1960. Eles se instalam no centro da cidade no parque Mutirama, entorno da praça cívica e avenidas Goiás, Araguaia, Tocantins e rua 4 e em Campinas nas praças A e Joaquim Lúcio³.

Alguns destes fotógrafos trabalham nas ruas da capital há mais de 30 anos e utilizaram a câmera tipo “caixote”, uma câmera-laboratório, como o Zezinho, o Carlos, o

³ As entrevistas para esta pesquisa foram feitas, apenas, com fotógrafos atuantes ou que atuaram no centro de Goiânia, pois os fotógrafos de Campinas não estão mais atuantes e não foram localizados para a realização das entrevistas.

Sinomar (falecido), Guilherme (falecido), Odilon (falecido) e tantos outros que já chegaram utilizando tecnologias diferentes, como o Marcos. Ele já começou com as fotografias instantâneas da câmera Polaroid, que não necessitavam desse processamento químico. E, posteriormente, ele e os demais fotógrafos como o Jonas, a Nádia, que já fotografam com as câmeras digitais.

Esses fotógrafos estão nas ruas, mas seus nomes não aparecem na História da Fotografia, ou mesmo a menção a eles pouco aparece ou quando aparece se liga ao quantitativo ou a menção ao equipamento. A partir dessa constatação, realizada a partir de um levantamento inicial das pesquisas realizadas sobre o assunto, propomos a construção de uma história da fotografia de rua de Goiânia em que seus nomes e suas histórias sejam evidenciados e assim inseri-los como participantes dessa historiografia.

Para isso, parte-se de uma contextualização da pesquisa sobre a fotografia de rua no Brasil para ir em direção à apresentação de cinco fotógrafos⁴ que atuam e aturam nas ruas de Goiânia, seu modo de trabalho, as tecnologias usadas, seus retratos e como elas ainda vivem relacionando-os ao sistema de pensamento proposto por Samain (2012). O cruzamento destas histórias e retratos dão a pensar e iniciar a construção de uma nova versão da História da Fotografia em Goiás, que inclua os fotógrafos de rua.

2 Contexto da Pesquisa sobre a Fotografia de Rua no Brasil⁵

De acordo com Rubens Fernandes Jr. (2009), as primeiras pesquisas sobre a temática da Fotografia de Rua foram realizadas na década de 1970, nas cidades de São Paulo, Salvador e Rio de Janeiro e na década de 1980 em Aparecida do Norte, Juazeiro do Norte e outras cidades com intenso movimento religioso. Estas primeiras pesquisas tinham como objetivo principal quantificar os fotógrafos lambe-lambe. Ao fazer um breve levantamento, encontraram-se as seguintes pesquisas já realizadas.

Em São Paulo, o historiador Boris Kossoy (1974) percebeu que na década de 1920, na capital paulista, existiam 30 fotógrafos, atuantes no Jardim da Luz. Entre 1915 e 1955, 50 fotógrafos atuaram no Parque D. Pedro II e outros 50 nas praças públicas da cidade. No ano da publicação do texto “O fotógrafo ambulante: a história da fotografia

⁴ Foram realizadas entrevistas com estes cinco fotógrafos no mês de maio de 2022, após aprovação no Comitê de Ética da Universidade Federal de Goiás.

⁵ A pesquisa sobre fotografia de rua se associa aos termos fotografia ambulante e fotografia lambe-lambe, o que mostra o caráter itinerante desta profissão nas ruas e também o uso da tecnologia da câmera lambe-lambe ligada à sua prática.

nas praças de São Paulo”, em 1974, havia apenas 15. Neste mesmo ano, Márcio Lucas Gimenez Mazza, graduando da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo defendeu a monografia “Lambe-lambe em São Paulo”.

Já em 1981, a pesquisadora Simoneta Persichetti publicou na Revista Íris, na matéria “Lambe-lambe: a câmera automática no lugar da velha caixa” a existência de somente 9 fotógrafos no Jardim da Luz.

Essas pesquisas tomam novo fôlego a partir dos anos 2000. Nos anos 2001 e 2002, a socióloga Glória Amarante entrevistou 15 fotógrafos lambe-lambe no Projeto “História Social de Belo Horizonte: um olhar dos fotógrafos lambe-lambes” da Secretaria de Cultural Local. Em 2004, Marcelo Horta Messias Franco fez a monografia “Profissões em extinção: o caso do fotógrafo lambe-lambe” para obter o grau de bacharel em Ciências Sociais apresentada ao Departamento de Sociologia e Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais.

E, em 2008, Abílio Afonso da Águeda defendeu a tese de doutorado “O fotógrafo lambe-lambe: guardião da memória e um cronista visual de uma comunidade”, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro no Centro de Ciências Sociais – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

Tanto em Belo Horizonte quanto no Rio de Janeiro, o ofício de fotógrafo lambe-lambe foi decretado como patrimônio imaterial cultural, como forma de incentivar a permanência dessa atividade, divulgar e preservar sua existência. Na cidade mineira isso ocorreu em 2012, promulgado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (Iepha). Na cidade carioca, isso ocorreu em 2005, pelo Decreto nº 25678 da Secretaria Municipal das Culturas, juntamente com a Secretaria Municipal de Fazenda e a Secretaria Municipal de Meio ambiente, através da Fundação Parques e Jardins.

Há também pesquisas menores com a produção de artigos acadêmicos sobre a fotografia lambe-lambe de modo geral, a exemplo dos textos “Lambe-lambe: profissão marcada para morrer” de Artur Eduardo Sanfelice Nunes (2004), “Desconhecidos íntimos: o imaginário do fotógrafo lambe-lambe” de Rubens Fernandes Júnior (2009) e “De fotógrafo à retratista lambe-lambe” de Rubens Nunes Moraes (2013). E, de modo específico e comparativo sobre a produção fotográfica dos lambe-lambes da Rua XV de Novembro em Curitiba em relação à produção fotoclubista local, no texto “Fotografia lambe-lambe e fotoclubista: análise de perfil e perspectiva social da produção fotográfica” de Andressa Ignácio Silva (2009).

Além de pesquisas acadêmicas, já houve a realização de exposições fotográficas no sentido de levantar os nomes e reunir a produção dos fotógrafos lambe-lambe. Em maio de 1980, o Museu Lasar Segall fez a primeira exposição fotográfica sobre o assunto com produções de fotógrafos lambe-lambe de São Paulo, Pirapora e do Nordeste. Em 2015, o Museu da Imagem e do Som de São Paulo organizou a exposição “Lambe-lambe: um retrato dos fotógrafos de rua na São Paulo dos anos 70”, resgatando o trabalho fotográfico dos lambe-lambes.

No Rio de Janeiro houve duas exposições, uma Niterói, no ano 2000, organizado pela fotógrafa Ana Ferr no Espaço Cultural Deplá, contendo um ensaio fotográfico “Revelando o 3X4: um sobrevivente” realizado com os lambe-lambe que atuavam no Jardim São João. E, em 2006, em decorrência do decreto do título de Patrimônio Imaterial e Cultural foi realizada a exposição “O fotógrafo lambe-lambe: guardião da memória e cronista visual da sociedade” no Centro Cultural Laurinda Santos Lobo, no Rio de Janeiro.

Em Belo Horizonte, a pesquisa de autoria de Glória Amarante, em 2002, teve como um dos produtos uma exposição fotografia sobre os lambe-lambe da capital. Em 2005, em Fortaleza, no Ceará, montou-se a exposição “Retrato Popular”, ressaltando os aspectos culturais, históricos e técnicos deste tradicional ofício, no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura.

Das pesquisas levantadas, sobre a cidade de Goiânia, encontrou-se uma matéria jornalística do Jornal O Popular em 2017 e também um trabalho de conclusão de curso de título “Foto na hora: fotografia lambe-lambe no centro de Goiânia”, de autoria de Tuila Dias Freitas, em 2019, que se tornam o pontapé de partida para contar essa história da fotografia que inclui os fotógrafos de rua. Entende-se que esse trabalho de inclusão é fundamental para que a produção popular dos ambulantes esteja inscrita na história e também pelo fato desta profissão estar desaparecendo, mesmo que ainda existam alguns resistentes que migraram para o digital, atendendo às mudanças tecnológicas, a procura tem diminuído e os fotógrafos mais antigos estão se aposentando, o que torna cada vez mais difícil o acesso aos primórdios da fotografia lambe-lambe na cidade.

3 A fotografia lambe-lambe em Goiânia e o sistema de pensamento que a envolve

Diante da pequena quantidade de material sobre esses fotógrafos na cidade de Goiânia, a pesquisa ganha as ruas. Ao andar por elas, encontramos três fotógrafos ainda

atuantes, Marcos José de Jesus, Jonas Barreto dos Santos e Nádya Barbosa. José Barreto de Novaes (Zezinho) que, apesar de ter se aposentado, aparece de vez em quando para substituir o filho Jonas. E, Carlos Antônio de Moraes, que acabou deixando a fotografia pela diminuição da procura pelo serviço, mas está presente nas falas dos fotógrafos ainda atuantes e foi entrevistado e fotografado na matéria do Jornal O Popular, citado anteriormente. Mesmo que não estejam nas ruas, continuam existindo pelas suas fotografias ou como ainda algumas chamam de fotografias “lambe-lambe”.

Estas fotografias são vistas como fenômenos que participam de um sistema de pensamento, conforme Samain (2012). Para Samain (2012, p. 30), a imagem é “algo que vem à luz”, uma aparição, um acontecimento, uma epifania, uma revelação (até no sentido fotográfico do termo), “resultado de um processo que combina aportes dos mais variados”.

Para compreender a imagem como participante de um sistema de pensamento, é preciso observar o processo combinatório a que ela deve a sua existência, ou seja, identificar como ela se molda, constrói, emerge e vive enquanto imagem. Segundo o autor, “Para se moldar” se refere ao suporte a que esta imagem toma forma (a máquina, as lentes, diafragma, obturador, por exemplo). “Para construir” é a pessoa envolvida no processo de produção da imagem (quem, maneira de observar, enquadrar, etc). “Para emergir” toca a existência do tempo, do espaço, da luz e da sombra, das cores, das linhas, dos volumes, das formas, do ambiente. E, “Para viver enquanto imagem” parte-se da existência de espectadores.

Se considerarmos que a imagem é da ordem dos fenômenos, como Samain (2012) coloca, ela não pode ser equiparada a uma bola de sinuca. Não chega a ser um sujeito, mas é muito mais que um objeto, “ela é o lugar de um processo vivo, ela participa de um sistema de pensamento. A imagem é pensante” (SAMAIN, 2012, p. 31). Logo, a imagem participa de um circuito de pensamentos, assim como a fotografia “lambe-lambe” em Goiânia.

“Para se moldar” toca a tecnologia fotográfica utilizada nas ruas, “Para construir” se liga aos fotógrafos que atuaram e atuam nas ruas de Goiânia, dos quais apresentamos cinco deles, ainda vivos, “Para emergir” é a apresentação da estética fotográfica produzida por eles, o retrato fotográfico e “Para viver enquanto imagem” é a produção acadêmica e/ou cultural produzida a partir da construção visual e/ou da experiência destes

fotógrafos. Apresentamos, na sequência o detalhamento destes tópicos que compõem este sistema de pensamento.

3.1. Para se moldar

As fotografias produzidas nas ruas de Goiânia se moldam pela lógica da instantaneidade fotográfica a partir de três tecnologias; a câmera lambe-lambe (1960-2001), a câmera Polaroid (1997-2005) e a câmera digital e impressora (2004 até os dias atuais)⁶.

A câmera lambe-lambe ou câmera caixote foi o primeiro equipamento presente nas ruas de Goiânia. No seu interior era feita a fotografia e também a o processo de revelação, possibilitando a produção instantânea. A câmera era dividida em duas partes, sendo que na parte inferior ficavam armazenados os dois banhos (revelador e fixador), utilizados ao mesmo tempo para o processamento químico de filmes e papéis. As fotografias eram feitas em preto-e-branco. Não se usava flash. Era necessário um mínimo de conhecimento sobre o uso do diafragma e obturador, elementos responsáveis pela entrada e exposição à luz. Carlos, um dos fotógrafos atuantes em Goiânia, nos explica o seu funcionamento.

O caixote ficava em cima de um tripé e dentro desse caixote tinha a banheira com o revelador e a banheira com o fixador e dentro desse próprio caixote, à esquerda dele, tinha o local de fazer a exposição da luz para passar a imagem do negativo para o papel. O papel era colocado prensado, junto com o negativo. O negativo já estava seco. A gente secava no calor da temperatura do álcool. Fazia um foguinho, esquentava, secava o negativo e colocava na prensa. Aí, colocando na prensa, colocava o papel. O papel era o postal 10x15cm, dobrava ele, dava pra fazer 8 fotos. Quatro de um lado, quatro do outro. Aí copiava primeiro quatro e depois virava o papel. Isso tudo com a câmera, o caixote fechado. Tinham duas mangas, que a gente enfiava as mãos. Ficava só a mente, só a mente que ficava lá dentro. Daquele minilaboratório. A mente ficava lá dentro daquele caixote e as mãos trabalhavam junto com a mente. Copiava do papel e depois, revelava. E, fazia essas 8 fotos. No papel cabiam 8 fotos. Às vezes, quando, tinha pai e filho, tava com pouco grana, aí eu fazia, 4 de um, 4 de outro.

Além de tirar a foto, era necessário cortar o filme, fazer a revelação do filme e depois, do filme revelado, passar a imagem do filme revelado para o papel. O filme

⁶ Essas datas se referem ao uso destas tecnologias nas ruas de Goiânia.

produzia uma imagem em negativo e ao passar para o papel, a imagem ficava positiva. Carlos afirma que a imagem demorava cerca de 30, 40 s pra aparecer direitinho no papel. E, depois que a imagem era fixada, após 2 min podia expor à luz que não tinha mais problema. Aí podia mergulhar em um balde com água pra lavar e secar.

Em Goiânia, as câmeras lambe-lambe, constituídas como descritas acima, estiveram presentes nas ruas até 2001. Embora, já em 1997 as polaroides começaram a ter espaço. A primeira Polaroid utilizada foi a Lupa 6. Ela tinha 6 lentes, foi trazida por um fotógrafo paulista chamado Pedro, que comprou uma banca na esquina da Araguaia com a praça cívica. Carlos ressalta que só ele tinha e por ser novidade, muitas pessoas ficavam impressionados, pois a foto já era colorida e saíam 6 fotos em apenas 5 minutos, enquanto que a lambe-lambe demorava uns 10 minutos. Mas, depois esta câmera começou a ser vendida pelo Cláudio, um representante da Polaroid que se instalou no antigo prédio da Camargo's Fotografia. Com a Polaroid, o trabalho é facilitado, pois não é necessário ter os conhecimentos de revelação, pois no interior da câmera tinha o revelador que agia em 90 s.

E, a partir de 2004, as primeiras câmeras digitais aparecem. E vão aos poucos, substituindo ambas tecnologias. O processo fica mais simples ainda, sendo necessário apenas enquadrar o retrato em meio corpo, observando-se a postura, fazer a foto e depois conectar na impressora para fazer a impressão. E, pode até mostrar o resultado para o cliente antes de imprimir.

3.2. Para construir

Para a construção das fotografias nas ruas Goiânia, andamos por elas, a fim de conhecer àqueles que estão ou estiveram por trás dos equipamentos fotográficos (a câmera lambe-lambe, a polaroid e a câmera digital). Escolhemos apresentar cinco deles, José Barreto de Novaes (Zezinho), Carlos Antônio de Moraes, Marcos José de Jesus, Jonas Barreto dos Santos e Nádia Barbosa, ainda vivos e que quiseram ser entrevistados⁷. Trazemos uma breve síntese da história de cada um deles e da sua relação com a fotografia, para que seja possível ver um pouco sobre àqueles que construíram e constroem esse fazer fotográfico na capital goiana.

Zezinho tem 71 anos é natural de Vaderlei na Bahia. Ele é fotógrafo lambe-lambe com muito orgulho. Nessa profissão consegui ter casa e carro próprios e criar minha

⁷ A ordem de apresentação foi escolhida por ordem de chegada nas ruas, dos mais antigos aos mais novos. Além desses cinco, apareceram nas falas, alguns outros já falecidos, Sinomar, Guilherme e Odilon.

família. Trabalha com a fotografia nas ruas desde 1968 e às vezes ainda vai na sua banca de foto, na Rua 4, no centro de Goiânia, para substituir o filho Jonas, quando precisa viajar a trabalho. Aprendeu o ofício com o seu irmão Guilherme. E, para usar o equipamento digital, o seu filho o ensinou. Além da fotografia de documento, fotografou casamento e reportagem aos fins de semana. Tem experiência também como pedreiro e comerciante. Trabalhou construindo prédios e casas em São Paulo de 1971 a 1972 e também construiu a minha própria casa e já teve seu próprio comércio.

Carlos tem 61 anos e é natural de Macaíba, no Rio Grande do Norte. Começou a trabalhar nas ruas de Goiânia em fevereiro de 1984 e foi até julho de 2018, tendo utilizado todas as tecnologias dos equipamentos fotográficos, a lambe-lambe, a Polaroid e a Digital. Se sente honrado por ter trabalhado com a fotografia nas ruas. Aprendeu a fotografar com a câmera lambe-lambe em 5 dias com José Wilson, que era filho de um fotógrafo de rua, o Jorge Vicente. Aprendeu também a tirar a foto, cortar o filme, fazer revelação e passar para o papel fotográfico. E, depois ensinou ao Sinomar, um outro fotógrafo de rua. Além de trabalhar na banca da Av. Araguaia, já fez fotografia de reportagem, casamento, aniversário, batizado de igreja, festa junina usando uma câmera Zenit. E já ajudou na venda de materiais fotográficos. Além da fotografia, montou uma lanchonete e hoje tem uma mercearia, usando uma parte da sua casa.

Marcos tem 52 anos, é natural de Itauçu em Goiás. Ele é fotógrafo de rua desde 2001. Aprendeu o ofício na rua mesmo, com os fotógrafos que ali atuavam, como por exemplo, Sinomar, que deu dicas sobre o uso do diafragma na prática. Começou com a polaroid e até hoje a guardo consigo. Porém, atualmente trabalha com a fotografia digital e completa a renda da banca com produção de xerox, chaves, plastificação, impressão e, atuo como Uber, nos fins de semana. Além da fotografia, já trabalhou como mototaxista. Uma vez fotografou um evento, fora da cabine, tirando fotografias das pessoas, instantaneamente para colar em um mural. Mas, não repetiu a experiência, pois não é muito noturno. Gosta mesmo é de trabalhar de dia.

Jonas tem 38 anos e nasceu em Goiânia-GO. A sua experiência com a fotografia é anterior ao ato de fotografar, pois já tinha contato com a fotografia de rua, ao levar o almoço para o meu pai, um dos pioneiros da fotografia lambe-lambe em Goiânia. Só começou a fotografar mesmo em 2001, com a câmera Polaroid. Aprendeu com o meu pai, o Zezinho, e depois o ensinei a usar a câmera digital, tendo aprendido com o primo Odiley, filho do Odilon, também fotógrafo lambe-lambe. Uma vez, ele e o Odiley

montaram a banca na pecuária pra fazer retratos. Além de fotógrafo das ruas, trabalha como vendedor de roupas. Compra roupas em Goiânia e leva pra revender em Santa Maria, na Bahia, cidade natal da minha mãe. Gosta muito de pedalar e jogar futebol e até gostaria de ter feito um curso de Educação Física pra trabalhar com esportes.

Nádia tem 25 anos, é natural de Goiânia-GO. Trabalha como fotógrafa nas ruas, no entorno da Praça Cívica, apenas há quatro anos, tendo já iniciado com a câmera digital. Aprendeu com o sogro, o Sinomar, já falecido. Mas, ele a ensinou com muito carinho e para ela é muito importante continuar o seu legado. Antes de ser fotógrafa, já trabalhou como repositora em dois supermercados em Goiânia e como recepcionista e operadora de caixa de uma ótica. Atualmente, faz curso técnico de enfermagem. Gosta de ter contato com pessoas e de trabalhar nas ruas, mas percebe que a profissão está quase acabando.

Apesar de cada um ter sua história particular, percebem-se alguns encontros, inclusive com os fotógrafos de rua de outras regiões do país, como o aprendizado familiar ou nas ruas, a fotografia como oportunidade de crescimento e também reflexo de uma decadência pela digitalização do equipamento e das empresas, o que leva ao abandono do trabalho nas bancas de foto.

3.3. Para Emergir

A fotografia feita nas ruas de Goiânia emerge pelos retratos. É a fotografia de documento, nos tamanhos 3x4cm, 2x2cm e 5x7cm com o enquadramento meio corpo. Para ela ser feita, a pessoa se senta dentro da cabine, na frente do fundo branco. Se necessário, o fotógrafo ajeita a pose para a foto não ficar torta, o pescoço tem que estar retinho, alinhado com o ombro, afirma Marcos. E, completa que o retratado deve olhar, mais ou menos, na altura da lente da câmera, para que ele não saia olhando pra cima. Segundo ele, são algumas dicas para a foto sair mais centralizada. E, deve-se encostar mais no fundo branco para não ficar com sombra.

Jonas chama a atenção para a vestimenta. Ele diz que não pode tirar a foto com roupa de alcinha. Orienta a colocar um blazer por cima, por exemplo, que, inclusive tem na sua banca. Depois dessas orientações, pode até ajeitar o cabelo, com um pente oferecido por ele. Com tudo pronto, é só tirar a foto! Com o digital, pode até mostrar pra pessoa.

A sua produção seguiu a necessidade de uso pelas instituições, públicas ou particulares. Aqui em Goiânia, já serviu para estampar os retratos 3x4 de carteiras de estudante, carteira de saúde da OSEGO, carteira profissional, título de eleitor, carteiras

para uso em transportes públicos. As carteiras de motorista (CNH) eram no formato 2x2cm, depois passaram para 3x4cm. E, no formato 5x7cm, para fotos de passaporte e vestibular. Atualmente, os próprios órgãos fazem as fotografias, da CNH e da Identidade são feitas no Vapt Vupt, a do Passaporte na Polícia Federal. Hoje, somente são produzidas as fotografias para anexar ao currículo em busca de empregos, de alguns colégios e para idosos e deficientes nas carteiras do Setransp, este último em processo de digitalização. Jonas, inclusive, acha que essa fotografia nas ruas só dura mais um ou dois anos.

A partir dessa produção surge a reflexão sobre o retrato, um jogo entre documento e ficção, pensando a partir de Soulages (2010). François Soulages (2010, p. 66) propõe pensar uma teatralização no retrato, pelo fato de ser pleno de tensões. E, completa que não se tem diante dos olhos a pessoa do retratado, mas sua personagem, ou seja “um ar, um jogo e uma imagem que ela dá de si mesma aos outros e talvez a si própria” (*ibidem*, p. 71).

Dessa forma, Soulages acredita que todo retrato é uma encenação. Aliás, o objeto a ser fotografado não é mais do que uma oportunidade de encenação” (2010, p. 74). Com isso, o retrato está vinculado à encenação no interior de uma estética que o autor chama de “isto foi encenado”. Nesse sentido,

Isto foi encenado: todo mundo se engana ou pode ser enganado em fotografia – o fotografado, o fotógrafo e aquele que olha a fotografia. Este pode achar que a fotografia é a prova do real, enquanto ela é apenas o índice de um jogo. (*ibidem*, p. 75)

Baudrillard (1997, p. 35) concorda com esta ideia de encenação que, para ele é tão complexa a ponto de obrigar a câmera a realizar uma operação de desfiguração e despojamento do caráter do fotografado. Assim, o retrato está sob o signo do sujeito ausente, ou seja, aquele que vemos, muitas vezes se apresenta como outro.

Desse modo, Annateresa Fabris coloca que o importante do retrato fotográfico não é a identidade e sim a sua alteridade secreta. Para ela, essa identidade é “construída de acordo com normas sociais precisas. Nela se assenta a configuração de um eu precário e ficcional” (2004, p.55).

Mesmo que as fotografias dos lambe-lambes sejam feitas, hoje, majoritariamente, para documentos, acredita-se fazer parte dessa precariedade do documento como verdade

e a criação de ficções de si mesmo, como aponta Fabris (2004). A própria orientação para a pose, como aparece nas falas dos fotógrafos revela este processo de encenação.

3.4. Para Viver enquanto imagem

As fotografias produzidas nas ruas, de forma instantânea, continuam vivendo nas carteiras de identidade, trabalho, motorista, nos arquivos das empresas e escolas e, sobretudo nas memórias das pessoas, sejam fotógrafos ou fotografados. Uma das lembranças marcantes foi um trabalho realizado para um projeto da prefeitura de Goiânia, dirigida pelo prefeito Darci Accorsi, durante o mandato de 1993-1996, em parceria com o artista plástico Siron Franco. Os fotógrafos lambe-lambe foram convidados para fazer retratos 3x4cm dos goianienses, para que, posteriormente Siron Franco criasse uma árvore genealógica de Goiânia, em comemoração ao aniversário da cidade.

Carlos disse que trabalharam o domingo todo, até, mais ou menos, umas 15h, ficaram na praça cívica tirando foto de graça pro povo. E, contou, com muito orgulho, que fez o retrato do Darci e do Siron. E falou também que já tirou retrato de muitas outras pessoas ilustres da cidade. Além das milhares de pessoas anônimas que, pela fotografia, receberam sua ajuda. Carlos narra, o fato de ter ficado, muitas vezes após às 17h, mesmo com pouca luz, fotografando pessoas que chegavam de última hora precisando de foto para procurar emprego no dia seguinte. Além disso, o registro das falas dos fotógrafos e suas vivências nas ruas se constituem também em uma maneira de fazer com que suas fotografias vivam enquanto imagem.

Considerações Finais

Percebe-se que a história da fotografia feita nas ruas se mescla à história das instituições, das suas mudanças de localidade, do processo de digitalização tecnológica. Além de contar, um pouco da história da cidade, que fica registrada não só nas fotos, como também nas falas e na memória destes fotógrafos que inscrevem e inscreveram seus corpos na cidade, se sujeitando a todas as suas intempéries.

Com a atuação deles nas ruas, especialmente no centro de Goiânia, ele foi transformado em estúdio e laboratório fotográfico, em escola de fotografia, cujo aprendizado da profissão e seu aperfeiçoamento se davam ali, entre buzinas de carros, luzes de semáforos e o atendimento de um cliente e outro.

Esses fotógrafos foram testemunhas oculares do crescimento da cidade, das mudanças tecnológicas, tanto das câmeras quanto do uso delas nas instituições. Isso fez mudar a própria profissão, cujo termo lambe-lambe, fica na lembrança deles e de transeuntes que foram fotografados por suas lentes. Junto com as mudanças, tanto tecnológicas quanto institucionais, todos os fotógrafos afirmam ter trazido a diminuição do lucro.

Diante disso, muitas bancas fecharam, alguns fotógrafos decidiram mudar de ramo de atuação. Aqueles que restaram, seguem sobrevivendo e continuam registrando àqueles que passam pelas ruas e acabam agregando outros serviços como o xerox, a plastificação, a impressão e produção de cópias de chaves.

Ao andar pelas ruas de Goiânia presenciamos esse movimento e ao vermos estas bancas, fechadas ou abertas, não imaginamos as vidas que por ali passaram e ainda passam, sejam fotógrafos ou fotografados. Andar por estas linhas e palavras é um convite para adentrar essa história da fotografia ainda não contada, adentrando nas histórias destes trabalhadores da fotografia, percebendo o modo em que suas fotografias se moldam, se constroem, emergem e vivem enquanto imagem. Esse texto é feito, portanto, a partir dos rastros da prata e dos pixels, que foram se revelando aos poucos, nas falas dos fotógrafos, atuantes ou não, nos objetos presentes nas cabines e nas ruas da cidade de Goiânia.

REFERÊNCIAS

- ÁGUEDA, Abílio Afonso da. **O fotógrafo lambe-lambe: guardião da memória e um cronista visual de uma comunidade.** Tese defendida na Universidade do Estado do Rio de Janeiro no Centro de Ciências Sociais – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2008.
- BAUDRILLARD, Jean. A arte da desapareição. In: _____. **A arte da desapareição.** Rio de Janeiro : Editora UFRJ/N-Imagem, 1997.
- FABRIS, Annateresa (org.) **Fotografia: usos e funções no século XIX.** São Paulo: Edusp, 1991.
- _____. **Identidades virtuais: uma leitura do retrato fotográfico.** Belo Horizonte : Ed. UFMG, 2004.
- FERNANDES JUNIOR, Rubens. Desconhecidos íntimos: o imaginário do fotógrafo lambe-lambe. In: **Revista FACOM**, número 6, 1o semestre, 2009.
- FRANCO, Marcelo Horta Messias. **Profissões em extinção: o caso do fotógrafo lambe-lambe.** Monografia de Bacharelado em Ciências Sociais apresentada ao Departamento de Sociologia e Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte / MG: UFMG, 2004.
- FREITAS, Tuila Dias. Foto na Hora: fotografia lambe-lambe no centro de Goiânia. Monografia do curso de Jornalismo. Universidade Federal de Ouro Preto. 12 de dezembro de 2019. Disponível em: <https://www.monografias.ufop.br/handle/35400000/2668>. Acessada em: 27 de maio de 2022.
- KOSSOY, Boris. **Origens e expansão da fotografia no Brasil (século XIX).** Rio de Janeiro:

FUNARTE, 1980.

_____. O fotógrafo ambulante – a história da fotografia nas praças de São Paulo. O Estado de São Paulo, São Paulo, 24 nov. 1974. Suplemento Literário, p. 5.

MAZZA, Márcio Lucas Gimenez. **Lambe-lambe em São Paulo**. Monografia apresentada na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. São Paulo: USP, 1974.

MORAES, Rubens Nunes. De fotógrafo à retratista lambe-lambe. **Revista Expedições : Teoria da História & Historiografia** V. 4, N.1, Janeiro-Julho de 2013.

NUNES, Artur Eduardo Sanfelice. Lambe-lambe: profissão marcada para morrer. *Caesura – Revista crítica de Ciências Sociais e Humanas*. Universidade Luterana do Brasil (ULBRA): Canoas, 2004.

PERSICHETTI, Simonetta. Lambe-Lambe: a câmera automática no lugar da velha caixa. *In: Revista Íris* n.334, pp18-20, janeiro/fevereiro 1981.

SAMAIN, Etienne (org.). **Como pensam as imagens**. Campinas, SP : Editora da Unicamp, 2012.

SILVA, Andressa Ignácio. Fotógrafos lambe-lambe e fotoclubista: análise de perfil e perspectiva social da produção fotográfica. *In: Anais do II Encontro Nacional de Estudos da Imagem*, Londrina-PR, 2009.

SOULAGES, François. **Estética da fotografia: perda e permanência**. Editora SENAC, São Paulo, 2010.